

EXPERIÊNCIA DE LEITURA, RECEPÇÃO E TRADUÇÃO: O ROMANCE *A ILHA DO DIA ANTERIOR*, DE UMBERTO ECO, NO BRASIL

Elizamari Rodrigues Becker
Patrizia Cavallo

RESUMO: Três experiências que para o leitor são de vital importância – a de leitura, tradução e recepção – representam o foco deste trabalho, cuja primeira parte oferece uma reflexão teórica sobre esses momentos, complexos e interconectados desde sempre. Esse preâmbulo teórico é necessário para a análise destes fenômenos na prática, graças à avaliação da leitura, tradução e recepção do terceiro romance escrito por Umberto Eco e traduzido em português por Marco Lucchesi. A obra foi publicada no Brasil em 1995, sob o título *A Ilha do Dia Anterior*, alcançando grande sucesso de público, o mesmo público cujas experiências de leitura e recepção serão aqui comentadas, graças a um *corpus* de resenhas, artigos e comentários extraídos tanto de blogs quanto de jornais, revistas e livros. Por último, mas não menos importante, a experiência do tradutor Marco Lucchesi será descrita e comentada a partir de textos autobiográficos e entrevistas por ele concedidas aos jornais da época. Através da análise desses materiais, foi possível nos aproximarmos da experiência de leitores “comuns” e “especializados” e aprofundarmos o estudo da tarefa e dos desafios impostos ao tradutor: isso representa uma oportunidade de refletirmos sobre a belíssima experiência humana da leitura, tradução e acolhimento de um romance de grande impacto e erudição, escrito pelo célebre Umberto Eco.

Palavras-chave: Leitura. Tradução. Recepção.

ABSTRACT: Three experiences that are of utmost importance for the reader – reading, translation and reception – are the core driving forces of this work, whose first part offers a theoretical overview over these moments, which have always been complex and interconnected. This theoretical preamble is necessary to analyse the three phenomena in practice, by means of assessing the reading, translation and reception of the third novel written by Umberto Eco and translated into Portuguese by Marco Lucchesi. The novel was published in Brazil in 1995, under the

title *A Ilha do Dia Anterior*, and was hailed as great success by the public, the same public whose experiences of reading and reception are herein commented, using a *corpus* of reviews, articles and commentaries taken from blogs, newspapers, magazines and books. Last but not least, the experience of the translator Marco Lucchesi is described and commented through autobiographical texts and interviews he granted to the newspapers of that time. The analysis of these materials has deepened our understanding over the experience of “common” and “specialized” readers, and added the study of the task and challenges imposed to the translator: this represents an opportunity to reflect upon the beautiful human experience of reading, translating and receiving into a specific foreign literary system a novel of great scope and erudition written by the famous Umberto Eco.

Keywords: Reading. Translation. Reception.

Introdução

Há três palavras que compõem o universo literário que são de vital importância para o leitor, e é com base nestas que este trabalho se constrói: *leitura*, *recepção* e *tradução*. Muitos estudos, livros, debates foram consagrados a esses fenômenos que trazem em si infinitas nuances e universos a serem descobertos. Apesar de essas reflexões poderem ser consideradas já amplamente lidas e debatidas, acreditamos que cada oportunidade de aprofundamento e crítica deva ser aproveitada para que sempre mais leitores e profissionais da área possam delas se beneficiar e criar, por sua vez, outras oportunidades de debate e reflexão crítica.

Portanto, este trabalho tem o duplo objetivo de, por um lado, comentar brevemente o significado na história e prática literária dos termos *leitura*, *recepção* e *tradução*, para criar uma ponte com o segundo objetivo, ou seja, a análise de um exemplo prático dessas experiências, conhecidas da maioria dos habitantes do planeta que leem, em um recorte específico de leitores que serão aqui referidos. Um romance italiano, escrito por Umberto Eco, traduzido por Marco Lucchesi e publicado no Brasil em 1995, sob o título *A Ilha do Dia Anterior*, será o foco de nossa análise, também realizada com base no conjunto de materiais e documentos enviados pelo mesmo tradutor Marco Lucchesi. Através da análise desses preciosos recursos, será possível aproximarmos mais do complexo e tão debatido fenômeno da leitura, acompanhada pelo estudo da recepção do mencionado romance no Brasil, e

concentrarmo-nos no seu desdobramento final, com a belíssima experiência de tradução vivenciada pelo professor, filósofo, poeta e tradutor Marco Lucchesi.

Porque a leitura e a tradução receberam, desde sempre, uma atenção privilegiada, apesar de os estudiosos nunca terem chegado a uma opinião unânime sobre a íntima essência dessas atividades? Talvez porque façam parte do universo mais reservado de uma pessoa, o assim-chamado “leitor”, que às vezes assume o papel de tradutor, apesar de todo tradutor sempre ser primeiramente um leitor; ou ainda porque, como diria Antoine Compagnon:

A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, mas fica aberta como um ensaio de Montaigne, depois de nos ter feito ver, respirar ou tocar as incertezas e as indecisões, as complicações e os paradoxos que se escondem atrás das ações (COMPAGNON, 2009, p. 51).

Assim, concluímos que o ato de leitura é sempre inacabado, ainda que para um mesmo indivíduo leitor e a despeito de uma nova leitura. A reelaboração interpretativa é fruto da reflexão e da nossa constante busca pela compreensão do mundo em que vivemos.

1. Leitura, recepção, tradução e suas múltiplas facetas

Os termos *leitura*, *recepção* e *tradução* são intimamente imbricados e já sugerem, à primeira vista, sua relação com a área da literatura, na qual essas três experiências caminham muitas vezes *pari passu*. De fato, também Tânia Carvalhal afirma que as teorias da estética da recepção “conjugam o estético com o histórico e, em lugar de uma história das formas, propõem uma história de efeitos” e que “torna-se impossível dissociar tradução de disseminação e de recepção de uma obra” (CARVALHAL, 2003, p. 235). Ainda, é possível afirmar que todo tradutor é, primeiramente, um leitor, como confirmado pelo tradutor Marco Lucchesi, o qual escreve que “a tradução representou para mim aquela ânsia pós-babélica. Não bastava, contudo, conhecer as línguas originais. Da leitura à tradução, foi um passo” (LUCCHESI, 1997, p. 104). Nesse livro, que representa quase uma coleção de confissões, memórias e ansiedades em relação à vida e ao trabalho de leitor e tradutor, ele explica como foi fácil passar da

voracidade de leitura de textos às tentativas de tradução dos mesmos. Citamos aqui novamente Tânia Carvalhal, ao pronunciar-se sobre as possibilidades da tradução, afirmando que a tradução é “uma das leituras possíveis do texto, a realização de suas potencialidades” (CARVALHAL, 2003, p. 227). Antes de nos focarmos sobre cada uma dessas experiências, é importante destacar que também Antoine Compagnon refletiu sobre a intensa imbricação desses três momentos, afirmando que os estudos da recepção se consagram “à análise mais atenta da leitura como reação, individual ou coletiva, ao texto literário”⁹ (COMPAGNON, 1998, p. 173). A tradução é, portanto, um ato de leitura escrutinizador e crítico, que se apropria do texto lido e lhe presta devolução em outra língua. E a leitura, por sua vez, nas suas operações interpretativas, já se constitui no primeiro estágio da tradução.

1.1 Leitura: ontem e hoje

Nosso conceito sobre leitor evoluiu ao longo da história, seja ele culto ou não. Lendo uma das primeiras Bíblias em língua vernácula ou um romance em formato eletrônico com seu *tablet* na mão, todos foram, antes ou depois, pelo menos uma vez em sua vida, leitores de algum texto, romance, receita, bula etc. Porém, é só a partir dos anos 60 que o “fantasma do leitor” (ECO, 1990, p. 2) começa insistentemente a ser incluído nas reflexões e debates em torno do valor e do significado da obra literária. Durante o período formalista e estruturalista da história literária, o texto em si representava suficiência, com escassa atenção dada ao seu autor, e menos ainda a seu leitor. Será graças à Estética da Recepção, à Hermenêutica, à Semiótica e à Desconstrução que essas tendências tomarão um rumo diferente, tornando o leitor um dos focos de estudo e pesquisa. O leitor se transforma em figura digna de receber atenção e, conseqüentemente, passa a ser objeto de infinitas categorizações, por exemplo: “leitores virtuais, leitores ideais, leitores-modelo, superleitores, leitores projetados, leitores informados, arquiteitores, leitores implícitos, metaleitores” (ECO, 2012, p. 1). O mesmo Umberto Eco tem dedicado muitos trabalhos aos estudos sobre comunicação, leitura, obra de arte e interpretação, em obras como *Os Limites da Interpretação*, *Apocalípticos e Integrados*, *Obra Aberta*¹⁰, entre

⁹ Trad. nossa. No texto original : « à l'analyse plus étroite de la lecture comme réaction, individuelle ou collective, au texte littéraire ».

¹⁰ Títulos incluídos nas referências bibliográficas.

outras. Ele se concentrou sobre o conceito de interpretação e de seus limites, além de tentar definir os papéis e os tipos de leitores com os quais uma obra se relaciona. Em *Obra Aberta*, ele afirma que:

O leitor do texto sabe que cada frase, cada figura se abre para uma multiformidade de significados que ele deverá descobrir; inclusive, conforme seu estado de ânimo, ele escolherá a chave de leitura que julgar exemplar, e *usará* a obra na significação desejada (fazendo-a reviver, de certo modo, diversa de como possivelmente ela se lhe apresentara numa leitura anterior). Mas nesse caso "abertura" não significa absolutamente "indefinição" da comunicação, "infinitas" possibilidades da forma, liberdade da fruição; há somente um feixe de resultados frutivos rigidamente prefixados e condicionados, de maneira que a reação interpretativa do leitor não escape jamais ao controle do autor (ECO, 1991, p. 43).

Esse trecho revela-se fundamental para entender as posições do Eco em relação ao leitor e à interpretação de uma obra, distinguindo o termo "abertura" de "infinita interpretação" e ressaltando, em obras póstumas, que as conjecturas que o leitor finalmente faz sobre um texto "deverão ser testadas sobre a coerência do texto e à coerência textual só restará desaproveitar as conjecturas levianas" (ECO, 2012, p. 15). Portanto, um cuidado especial deve ser tomado na hora de supor que um texto concede a seu leitor interpretações ilimitadas porque, de acordo com Eco, tudo sempre voltará de forma circular ao texto, pilar de toda e qualquer interpretação e conjectura.

De acordo com Compagnon, todos os debates e tentativas de definir o fenômeno da leitura voltam sempre ao problema crucial da liberdade e da restrição. É o leitor que controla o texto, ou o contrário? Qual é o preço da liberdade de interpretação?¹¹ Estas e muitas outras perguntas se sucederam ao longo de décadas, e o capítulo sobre o *Leitor*, no trabalho citado de Antoine Compagnon, resume bem as diferentes correntes de pensamento sobre o fenômeno da leitura, passando pela exclusão da figura do leitor, até à afirmação de sua consciência graças à hermenêutica fenomenológica, à noção de *leitor implícito* elaborada por

¹¹ Ver COMPAGNON, 1998, p. 172.

Iser e de *leitor modelo* de Eco, afirmando, no fim, que “as teorias sobre leitura [...] após terem dado toda sua liberdade ao leitor, a têm de fato retirado dele, como se esta liberdade fosse uma última ilusão idealista e humanista da qual se precisava desfazer”¹² (COMPAGNON, 1998, p. 187). Obviamente, resulta impossível comentar e analisar as infinitas teorias sobre leitura formuladas ao longo dos anos, mas para concluir esta parte consideramos importante citar Luiz Costa Lima que, na introdução de *A literatura e o Leitor* – um texto que oferece um estimulante panorama construído pelas contribuições de célebres autores sobre as várias teorias mencionadas – destaca a importância da estética da recepção pelo “realce do leitor”, pelo caminho em direção a uma “mudança pragmática” (COSTA LIMA, 1979, p. 13) e pelo foco na experiência estética.

1.2 Recepção: ontem e hoje

O texto de introdução de Luiz Costa Lima para o seu *A literatura e o Leitor*: textos de estética da recepção, anteriormente referido, apresenta, com muita propriedade, as teorias que, nos anos 60 e 70, revolucionaram a ideia de leitor e de seu papel, até então negligenciada ou insuficientemente valorizada. Igualmente, nas palavras de Umberto Eco, a Estética da Recepção:

[...] faz seu o princípio hermenêutico segundo o qual a obra se enriquece ao longo dos séculos com as interpretações que delas são dadas; tem presente a relação entre efeito social da obra e horizonte de expectativa dos destinatários historicamente situados (ECO, 2012, p. 9).

Até onde se sabe, quem inicialmente cunhou a expressão “horizonte de expectativa(s)” foi Hans Robert Jauss, importante contribuinte da teoria da recepção, o qual distingue entre o *efeito*, momento trazido pelo texto, e a *recepção* que concretizaria o sentido “como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade” (JAUSS, 1979, p. 50). Jauss aprofundou também a noção de “prazer

¹² Trad. nossa. Texto original: “les théories de la lecture [...] après avoir donné toute sa liberté au lecteur, elles la lui ont en effet reprise, comme si cette liberté était une ultime illusion idéaliste et humaniste dont il fallait se défaire”.

estético” que, segundo ele, se distingue dos outros prazeres simples porque “exige um momento adicional, ou seja, uma tomada de posição, que exclui a existência do objeto e, deste modo, o converte em objeto estético” (JAUSS, 1979, p. 75). Claramente, a estética da recepção tem outros representantes célebres, como Wolfgang Iser, o qual se dedicou a estudar, dentre outras coisas, a interação entre o texto e o leitor, e sua assimetria fundamental, devido aos vazios que só o leitor pode preencher. Um dos conceitos principais das teorias de Iser é a noção de *leitor implícito*, que representaria uma estrutura textual pela qual o leitor real é guiado.

Sem entrar nos detalhes destas teorias, é importante reter, para fins deste trabalho, a ideia de que a palavra “recepção” adquiriu novas significações graças aos teóricos da Escola de Constança e outros que os sucederam, tornando o leitor um elemento ativo e decisivo no que diz respeito ao valor e significação da obra de arte. O leitor adquire um papel dinâmico, cujo ato de leitura coparticipa da sobrevivência da obra. Essas noções devem ser pensadas e recontextualizadas dentro da sociedade atual, considerando-se os fatores que poderiam ressignificar a noção de “recepção”. De fato, se “as teorias da recepção fundamentam-se em um pressuposto quase tautológico – o de que as obras são objeto de algum tipo de acolhimento” (ZILBERMAN, 2008, p. 87), o mais comum destes sendo a leitura, não podem passar despercebidos os recentes progressos tecnológicos que revolucionaram esse “acolhimento” da obra. Em uma época em que tudo pode ser obtido, lido, estudado e debatido em formato eletrônico, também mudaram a recepção e a interação do leitor com seu texto:

A interatividade como relação recíproca entre usuários e interfaces computacionais inteligentes, suscitada pelo artista, permite uma comunicação criadora fundada nos princípios da sinergia, colaboração construtiva, crítica e inovadora. A multisensorialidade trazida pelas tecnologias é caracterizada pelo uso de múltiplos meios, códigos e linguagens (hipermídia), que colocam problemas e novas realidades de ordem perceptiva nas relações virtual/atual (PLAZA, 1990, p. 17).

Em relação à recepção de textos literários, que será o foco na segunda parte deste trabalho, é fácil perceber que, podendo o leitor trazer

sempre consigo, no formato e peso de uma tela de *tablet*, uma multiplicidade de obras e textos, sua percepção e emoções *vis-à-vis* aquele texto poderão mudar, porque os espaços de leitura mudam, a sensorialidade muda, além da possibilidade de alteração da (ou de ação sobre a) obra: “alterar textos, diagramá-los [...], realizar operações de corte e montagem, executar scripts etc., não faz de ninguém um autor, no sentido genuíno da expressão” (PLAZA, 1990, p. 25). Trata-se, portanto, de uma comunhão entre homem e máquina que está já mudando o inteiro fenômeno de leitura e recepção de um texto, e cujas futuras consequências ainda são incertas.

1.3 Tradução: ontem e hoje

Como precedentemente anunciado, a intrincada relação entre as experiências de leitura, recepção e tradução coloca-as em uma situação de interdependência: toda tradução é, *in primis*, leitura, e toda leitura é também tradução, se pensarmos no trabalho de extração de significados e interpretação do texto. De fato, Umberto Eco, em *Quase a mesma coisa*, põe em destaque a relação entre leitura, interpretação e tradução, afirmando que:

[...] a tradução é uma das formas da interpretação e que deve sempre visar, embora partindo da sensibilidade e da cultura do leitor, reencontrar não digo a intenção do autor, mas a intenção do texto, aquilo que o texto diz ou sugere em relação à língua em que é expresso e ao contexto cultural em que nasceu (ECO, 2011, p. 14).

Essa constatação revela a sensibilidade das reflexões pós-modernas sobre a tradução, segundo as quais a tradução não é mais considerada uma atividade bilateral de transposição palavra por palavra, mas uma prática plurissignificativa em que outros elementos, antes ignorados, como *contexto cultural*, *leitor*, *intenção* etc., assumem um papel fundamental no processo tradutório. A tradução, cujas raízes remontam aproximadamente ao século XVIII a.C., utilizada, sobretudo, para fins políticos, militares e diplomáticos, tornou-se foco de estudo e pesquisa, além de ganhar status oficial de disciplina ensinada nas universidades, somente a partir dos anos 60-70. Entretanto, tem experimentado, nestas últimas décadas, uma considerável revitalização relativamente ao estudo de suas funções,

necessidades, valores, papéis, também na esteira do progresso tecnológico; essa atividade, ampliada da caneta para o teclado de especialistas e não especialistas da tradução – como escritores, jornalistas, políticos e outros profissionais com maiores ou menores competências tradutórias – ganhou extrema difusão e tornou-se essencial ao mundo globalizado, poliglota e “pós-humano”, dominado pela tecnologia e pelas tentativas de automatização da tradução.

Voltando às nossas palavras-chave e ao par *tradução-recepção*, é possível afirmar, de acordo com Tânia Carvalho, que “frequentemente, a obra traduzida é que diretamente ecoa nos leitores e não o original” (CARVALHAL, 2003, p.230) e que o estudo de *como, porquê, quando e quem* traduziu uma determinada obra impacta diretamente o sistema literário de um país, como será possível observar concretamente nas próximas seções, focadas na análise da tradução e recepção do romance de Umberto Eco, *A Ilha do Dia Anterior*, para a língua portuguesa. Também Marcia A. P. Martins afirma que “a literatura traduzida participa ativamente na configuração do centro do polissistema, no qual introduz novos gêneros, novos modelos textuais, novas linguagens poéticas, novas formas métricas” (MARTINS, 2011, p. 115). A tradução garante a sobrevivência de uma obra no tempo e no espaço, permitindo “ao texto sempre uma nova versão, um novo destino junto a leitores inicialmente não previstos, uma transposição no tempo e no espaço que lhe assegura o prolongamento. O texto traduzido é ainda o mesmo e já é outro” (CARVALHAL, 2003, p. 229). A tradução tem, portanto, um poder inovador e de recriação, está fundada na alteridade e ultrapassa todas as fronteiras físicas e discursivas.

2. O romance *A Ilha do Dia Anterior* no Brasil: experiências de leitura, recepção e tradução

O terceiro romance do escritor, semiólogo e linguista Umberto Eco, *L'Isola del Giorno Prima*, é de 1994. A obra, traduzida no Brasil sob o título de *A Ilha do Dia Anterior*, e em Portugal como *A Ilha do Dia Antes*, chega ao Brasil em 1995 traduzida por Marco Lucchesi, pela Editora Record. Depois dos dois sucessos internacionais, *O Nome da Rosa* e *O Pêndulo de Foucault*, este terceiro romance traz literalmente o leitor para outras “longitudes”.

Ao falar de recepção e leitura de um romance, vêm à mente os inúmeros estudos realizados no que diz respeito à categorização, descrição e análise do romance e de sua estrutura, por exemplo, os trabalhos de Georg Lukács, Mikhail Bakhtin ou de Wolfgang Iser, *inter alia*, os quais tentaram classificar o romance de acordo com sua tipologia e/ou valores e/ou personagens. Este trabalho não constitui espaço para comentá-los, porém é importante esclarecer, antes de prosseguir com a leitura e interpretação do romance, que é impossível definir normas ou leis para determinar e/ou fechar a interpretação de uma obra de arte, neste caso o romance, porque uma “obra de arte, forma acabada e fechada em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade” (ECO, 1991, p. 40); seria uma utopia imaginar que se poderia categorizar, de forma estéril e unívoca, os tipos de leitores, as possíveis interpretações e os fenômenos de recepção, “mesmo porque uma obra de arte suscita muitos códigos, e símbolos ao seu observador, o que, evidentemente, não lhe permitiria fazer uma única leitura dessa obra” (CALDAS, 2000, p. 62).

Para fins de comentar os processos de leitura, recepção e tradução envolvidos com o romance em questão, as seções a seguir analisarão, em específico, cada um deles a partir do caso concreto de *A Ilha do Dia Anterior*. Aos comentários sobre leitura, leitores e recepção de textos ficcionais, seguirá a etapa final, ou seja, um percurso dentro do universo tradutório do texto, valendo-nos, também, das preciosas palavras do mesmo tradutor.

2.1 Leitura e recepção do romance

Depois das observações precedentemente apresentadas sobre leitura e recepção, incluídas na primeira parte deste trabalho, é possível agora criar uma ponte com a leitura e a recepção “na prática”, com foco no terceiro romance escrito por Umberto Eco e publicado no Brasil em 1994 pela Editora Record. O tradutor Marco Lucchesi gentilmente enviou, para análise desses fenômenos, uma pasta com artigos de jornais da época e três livros que recolhem suas experiências pessoais com o universo da leitura e da tradução: recursos preciosos para avaliar, de forma mais rigorosa e detalhada, o impacto do romance traduzido no Brasil.

Para falar de recepção do romance em tela, é oportuno estabelecer o que se entende por texto de ficção:

Em sua essência, a ficção não significa identidade entre materialidade dos fatos e estado dos fatos, fosse apenas parcial; significa sim diferença. [...] A função básica da recepção dos textos ficcionais [...] está na constituição dos estados de fato e em sua perspectivização (STIERLE, 1979, p. 147).

O texto de ficção se abre, segundo Stierle, a um primeiro momento de ingênua ilusão, primeira etapa elementar desse tipo de recepção, até quando o julgamento, as emoções e a tensão do texto se insinuam e “a inverossimilhança da ficção narrativa torna-se, por efeito da atividade não consciente do leitor, na verossimilhança da ilusão produzida pelo próprio leitor” (STIERLE, 1979, p. 150). Os horizontes da realidade e da ficção estabelecem uma relação de recíproca dependência, estando a ficção, à primeira vista paradoxalmente, sempre enraizada na realidade, porque “se tudo na ficção fosse, em princípio, diverso de nossa experiência da realidade, ela não mais se relacionaria a um conceito de realidade e assim não seria nem verbalmente articulável, nem constituível na recepção” (STIERLE, 1979, p. 171). É por estas razões que o leitor partirá sempre de sua própria experiência na hora de abordar e interpretar um texto de ficção. Por “experiência” entendemos aqui a grande esfera que envolve educação, formação, acontecimentos vivenciados, sistemas cultural e linguístico de origem, *inter alia*. Portanto, se pode declarar, tomando de empréstimo a voz de Umberto Eco, que:

A obra realiza-se, assim, na fruição de pessoas concretas, que não podem transformar-se em seu templo exclusivo, mas, uma vez tendo-a acolhido na memória, carregam-na, por assim dizer, consigo, através das vicissitudes do dia-a-dia, espremendo-lhe e utilizando-lhe a substância ao mesclá-la a volições, compreensões, emoções de outro gênero (ECO, 1993, p. 236).

Quais são, então, os comentários, os números, os fatores que indicam o tipo de recepção dedicada ao romance de Umberto Eco? Dos artigos de jornais enviados pelo tradutor, todos publicados entre janeiro e abril de 1995, leem-se repetitivamente as palavras “livro brilhante” (A

ilha..., 1995, p. 10), “vendido para trinta países [...] promete ser o grande fenômeno editorial dos anos noventa” (Os estrondos..., 1995, p. 28). Apenas na resenha de Jerônimo Teixeira, publicada em 25.02.95, no Segundo Caderno da Zero Hora, aparecem sinais de escasso sucesso do romance quando o jornalista escreve que “*A Ilha do Dia Anterior* não está repetindo o sucesso dos romances anteriores do Eco – sintoma, quem sabe, do obscurantismo de uma época em que Paulo Coelho figura nas listas de mais vendidos” (TEIXEIRA, 1995, p. 29). A exceção deste, todos os outros jornais não apresentam dúvidas em relação ao sucesso do romance que se configura como um livro “para quem gosta da palavra, do jogo livre da inteligência e do cultivo do saber como o mais sólido dos pretextos para continuarmos vivos” (GARUVA, 1995, p. 19). Em suma, a grande maioria das referências consultadas aponta para o sucesso de público e recepção da obra, apesar de que os romances do escritor italiano, comumente construídos com base no labiríntico jogo da erudição, não sejam exatamente de fácil acesso ao leitor comum.

2.1.1 O romance e o autor

Não é possível continuar e aprofundar as experiências dos leitores, nem prosseguir com a análise da recepção, sem nos determos brevemente sobre a figura do Umberto Eco romancista e sobre o enredo do romance.

Umberto Eco nasce em Alexandria, no norte da Itália, em 15 de janeiro de 1932. Em 1954, com apenas 22 anos, se forma em filosofia com um trabalho sobre São Tomás de Aquino, com o título “O problema estético de São Tomás”, especializando-se e começando a trabalhar com filosofia e cultura medieval. Trabalha com várias revistas, como “*Il Verri*”, e através de um concurso entra na RAI (*Radiotelevisione Italiana*) para pensar e criar novos programas televisivos, com outros jovens intelectuais, mas deixa o encargo depois de um tempo (começa, graças a este, a observar os mecanismos da comunicação de massa, sobre os quais publica muitos estudos). Trabalha com muitas editoras e no final da década de 50 se torna codiretor da editora Bompiani, com a qual trabalha durante muitos anos. Em 1962 publica *Obra Aberta*, em que começa a desenvolver suas teorias sobre interpretação e fruição, e nesse início dos anos 60 participa da criação do célebre movimento teórico e literário de vanguarda, conhecido como Grupo 63, do qual ele é um dos membros mais ativos. Desenvolve estudos sobre sociologia, semiótica e cultura de massa e publica, nessa mesma época, *Diário Mínimo* (1963), *Apocalípticos e*

Integrados (1964), *A Estrutura Ausente* (1968)¹³, *inter alia*. Desde 1971 se torna professor de semiótica da Universidade de Bolonha, e seus horizontes de reflexão e publicação abrangem desde os mitos da modernidade até a função do leitor e a traduzibilidade. Ensina durante um tempo nos Estados Unidos e na França e “sua vida desenvolve-se, então, numa alternância constante entre as atividades na academia, a carreira literária e a imprensa – é colunista da revista semanal italiana *L'Espresso*, na qual escreve, entre uma infinidade de temas, sobre Berlusconi e Wikipédia” (LONGMAN, 2010). É importante destacar que Umberto Eco foi também tradutor, cujas obras mais famosas são os *Exercícios de Estilo*, de Queneau, e *Sylvie*, de Gérard de Nerval, que ele traduziu do francês para o italiano (1983 e 1999)¹⁴.

Colecionador de livros e amante da música, trataremos aqui estritamente do Umberto Eco romancista, que é apenas uma face de seu imenso currículo: Umberto Eco é “um dos escritores mais lidos no mundo” (TAVARES, 2007) talvez porque “é dono de um estilo que transita das citações eruditas à sutil ironia” (*Ibidem*). Em uma entrevista recente para a Revista *Época*, em dezembro de 2011, Umberto Eco declara, com 80 anos quase completados:

[...] Sou considerado um autor pós-moderno, e concordo com isso. Vasculho as formas e artifícios do romance tradicional. Só que procuro introduzir temas que possam intrigar o leitor: a teoria da comédia perdida de Aristóteles em *O nome da rosa*; as conspirações maçônicas em *O pêndulo de Foucault*; a imaginação medieval em *Baudolino*; a memória e os quadrinhos em *A misteriosa chama*; a construção do antisemitismo em *O cemitério de Praga*. O romance é a realização maior da narratividade. E a narratividade conserva o mito arcaico, base de nossa cultura. Contar uma história que emocione e transforme quem a absorve é algo que se passa com a mãe e seu filho, o romancista e seu leitor, o cineasta e seu espectador (GIRON, 2011).

¹³ Os anos se referem à data de publicação na Itália.

¹⁴ Para aprofundamento de seu currículo, rico em prêmios e títulos honoríficos, ver o seguinte link: <http://umbertoeco.it/CV/CURRICULUM.htm>

Sua carreira como romancista começa em 1980 com a publicação do romance, internacionalmente célebre e que recebeu adaptação para o cinema, *O Nome da Rosa*, seguido em 1988 pelo romance *O Pêndulo de Foucault* e, em 1994, pelo romance, comentado a seguir, *A Ilha do Dia Anterior*. Desde então, Umberto Eco já publicou outros três romances, *Baudolino* (2000), *A Misteriosa Chama da Rainha Loana* (2004) e *O Cemitério de Praga* (2010)¹⁵.

No que tange ao romance, seu protagonista se chama Roberto della Griva e é um jovem piemontês que pertence à família *Pozzo di San Patrizio* e vive em pleno século XVII. Depois de ter vivenciado alguns episódios de guerra, principalmente o cerco da cidade de Casale, mora alguns anos em Paris, em contato com os filósofos e astrônomos da época, no meio dos debates sobre as recentes descobertas geográficas e futuras conquistas, e se apaixona por uma mulher, Lilia, a “Senhora” que inspirou, ao protagonista, muitas cartas e poesias e deixou-o quase obcecado por um amor que só imagina e nunca consegue viver. Todos os acontecimentos e os estados de ânimo do protagonista são narrados por meio de uma voz externa, um narrador que conta a sucessão dos eventos a partir das cartas e do diário que Roberto teria escrito durante o naufrágio.

É exatamente um naufrágio o evento central do romance: por causa da convocação e ameaça do Cardeal Mazarino, Roberto embarca no navio *Amarilli* para espionar um inglês que teria descoberto a fórmula para determinar os meridianos terrestres – instrumento fundamental e cobiçado por várias nações naquela época, por causa da expansão marítima. O começo do romance já define a condição, que aqui definimos “existencial”, do naufrágio:

E orgulho-me, todavia, de minha humilhação e por estar condenado a tal privilégio, quase desfruto de uma salvação odiosa: acredito ser na memória humana o único exemplar de nossa espécie a ter naufragado num navio deserto. (ECO, 2010, p. 9).

De fato, depois de ter começado a viagem no *Amarilli*, o navio naufraga e Roberto é o único a salvar-se e refugiar-se sobre um navio deserto, a *Daphne*, que também corria aqueles mares pelas mesmas razões

¹⁵ Todos os anos de publicação mencionados fazem referência à publicação na Itália, e não no Brasil, de tais obras.

do *Amarilli* sendo, depois, abandonada por seus passageiros que são assassinados na ilha em frente a qual o navio é ancorado. Portanto, Roberto se encontra sozinho em frente a tal ilha que, em entrevistas, Umberto Eco identifica como Taveuni, uma das Ilhas Fiji. Por que aquele lugar? Porque a tal ilha é cruzada pelo 180º meridiano, por convenção o ponto de mudança de data. Então, depois de várias reflexões e dias passados imaginando a presença de um Outro, o inventado irmão Ferrante, e das conversas com Padre Caspar, que se encontrava escondido no navio, Roberto entende que aquela era a ilha do dia anterior. Uma ilha definida, por Furio Colombo, o primeiro a recensar o romance de Eco em 1994 na Itália, como "tanto Paraíso, quanto Terra Prometida; mas, também, um pedaço de terra real e visível a olho nu; ou, talvez, um sonho"¹⁶ (BIGNARDI, 1994).

Não revelaremos aqui o final do livro, entre as obsessões e tentativas de sobrevivência física e psicológica do protagonista: o que é importante ressaltar é que o romance inteiro se configura como uma metáfora da condição humana em uma época de descobertas, em suspenso entre passado e futuro, inovação e tradição.

2.1.2 O leitor comum

Como é possível avaliar as diferentes experiências de leitura, uma vez estabelecido que esta e a recepção de um romance são completamente subjetivas e dependem do vivido por cada leitor, o qual interpretará a obra de acordo com seus valores, percepções e padrões culturais? A respeito disso, é importante reiterar que:

Todo ato de leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor (e conhecimento do mundo compartilhado pelo leitor) e o tipo de competência que um dado texto postula para ser lido de maneira econômica (ECO, 2012, p. 84).

Para tentar analisar essas experiências, dividimos a categoria de leitores em dois grandes grupos, o leitor "comum" e o leitor "especializado", incluindo no primeiro grupo todas aquelas pessoas que não têm uma específica formação na área de Letras, Comunicação e afins,

¹⁶ Trad. nossa. Texto original: "*sia Paradiso, sia Terra Promessa; ma anche un pezzo di terra reale e visibile a occhio nudo; o forse un sogno*".

ou que pelo menos não são especializados no tópico tratado em determinado texto. É bem oportuna, a resposta, aqui em tradução, do escritor Malcolm Gladwell:

É preciso entender a diferença entre o leitor especializado e o leitor comum. Se estou escrevendo sobre psicologia para psicólogos, não basta eu contar uma história atraente e apresentar uma série de ideias acadêmicas interessantes. Preciso convencê-los [...]. O leitor comum, o comprador típico de livros, não é assim. Ler não é o trabalho dele. Ele quer se divertir com as ideias. Quando está lendo no avião, no fim de semana, à noite em casa, o leitor comum não quer ser convencido. Quer ser cativado (GLADWELL *apud* PETRY, 2009, p. 22).

Acreditamos que a tarefa mais árdua, para um pesquisador nesta área, seja aquela de conseguir amostras para a análise de impressões, experiências e comentários de leitores comuns em relação a um romance: de fato nossa pesquisa na Internet alcançou poucos resultados relativos a “leitores comuns” que publicaram seus comentários e resenhas sobre o livro. Primeiramente, um problema envolve a rastreabilidade (além da confiabilidade e veracidade das informações prestadas) do perfil de quem escreve nesses blogs, bem poucos informando detalhadamente sua formação e tipos de estudos realizados. Em segundo lugar, é a fronteira mesma entre as definições de leitor “comum” e “especializado” que é movediça e muito sutil. Isso porque, mesmo um leitor não tendo adquirido uma educação “formal” naquela área, é sempre possível que o mesmo venha, através de leituras contínuas e focadas em certos temas, e após pesquisas pessoais, tornar-se, de fato, um leitor mais “especializado” do que “comum”.

Seguem quatro das amostras mais significativas, nas quais o perfil do autor do blog era claramente visível, não denotando um leitor especializado, e nas quais havia um comentário sobre o livro:

- Amostra nº 1 (Blog *Anotações de um Bardo*¹⁷):

¹⁷ <http://anotacoesdeumbardo.blogspot.com.br/2012/06/resenha-ilha-do-dia-anterior.html>

A ilha do dia anterior, nos mostra poderosos paradigmas religiosos e científicos da Era da Expansão Mercantilista e nos prova que para vencer uma guerra, seja ela uma disputa pessoal ou contra Impérios devemos conhecer muito mais do que as fraquezas dos inimigos, temos que reconhecer as nossas limitações¹⁸.

Perfil do blogueiro: “Nascido em Maranguape, sou formado Técnico Químico. Trabalhando atualmente na Petrobras, falo mais do que escuto e escrevo bem menos do que gostaria”¹⁹.

- Amostra nº 2 (Blog *Janela Colonial*²⁰):

*Sempre que leio um romance de Umberto Eco, acabo ficando com raiva. Sempre chego à conclusão de que ele escreve romances apenas para mostrar o tanto que é erudito e inteligente. Foi assim com todos que eu li (O Nome da Rosa, O Pêndulo de Foucault, Baudolino e A Misteriosa Chama da Rainha Loana). Como autor teórico, ele é fantástico e fundamental para a área da Comunicação. Como romancista, ele é tão bom quanto, mas dá raiva, muita raiva o tanto de erudição que ele vomita nas páginas, como se houvesse necessidade disso. [...] Enfim, vencer a erudição do Eco é duro, mas no final, o presente é uma história fantástica. Ou seja, vale insistir nos livros, sempre há uma grande história neles*²¹.

Perfil da blogueira: “Nasci em Ouro Preto, cresci em Belo Horizonte e, desde 2003, voltei à terra natal. Tenho interesse em cultura, artes, mídias digitais, tradições ouro-pretanas e mineiras, literatura e cinema”²².

- Amostra nº 3 (Blog *Owls' roof*²³):

De uma forma geral, todos os livros do Eco me fazem lembrar a Régis, porque nós duas dividimos essa enorme paixão literária. Mas de todos os livros do mestre italiano... A Ilha do Dia Anterior é o que mais me faz lembrar a Régis. [...] Pela poeticidade, pelas discussões metafórico-linguísticas, pelos amores platônicos e desaperaçados, pelo barroco, e pela inalcançabilidade da ilha do dia anterior

¹⁸ Extrato do blog citado em nota de rodapé nº 17.

¹⁹ *Ibidem* (nota de rodapé nº 17).

²⁰ <http://janelacolonial.blogspot.com.br/2011/08/desafio-literario-julhoagosto-ilha-do.html>

²¹ Extrato do blog citado em nota de rodapé nº 20.

²² *Ibidem* (nota de rodapé nº 20).

²³ <http://owlsroof.blogspot.com.br/2010/11/meme-literario-dia-12-um-livro-que-te.html>

*para um pobre naufrago que delira com um gêmeo possivelmente imaginário... por tudo isso, esse livro é a cara da Régis. [...] No final das contas, você é quem tem de decidir se aquele certo fulano existe ou é apenas fruto da imaginação febril do nosso narrador; se tais e tais fatos aconteceram mesmo ou se tudo não passou de um desejo do rapaz. [...] Ah, sim, pontos extras pela aparição do Cardeal Mazarino! Eu só faltei sair procurando D'Artagnan enquanto lia... o que me faz pensar que esse título vai entrar para a minha lista de releituras...*²⁴

Perfis dos blogueiros: “A Coruja, ou Dona Lulu: Uma Coruja viciada em livros e trabalho e que acredita firmemente que é uma rainha absolutista sem coração. O Bode, ou Dé: Um bode que aprendeu a cozinhar para não ir pra panela. A Gata, ou Dani: Uma gata arisca que gosta de passar o tempo às voltas com papel e lápis de cor. A Elefanta, ou KaiLi (Ísis): Uma elefanta que foi parar no Japão: desastre”²⁵.

- Amostra nº 4 (Blog Bom livro²⁶):

*É tempo de férias e por que não, de leitura. Voltando ao passado um pouco distante, lembro-me da ansiedade por chegar ao fim do ano e poder fazer tudo o que sonhava ao longo do período escolar. Uma das coisas que mais apreciava era pegar uma obra na estante e passar a tarde inteira submersa em outros mundos. E assim, decorreram-se alguns verões entre livros e passatempos. Na época do vestibular, deparei-me com este livro de Umberto Eco que me parecia um pouco assustador por não conseguir entender a princípio a narrativa da estória. Trata-se de um naufrago do século XVII que se vê envolvido em um grande mistério. O passado retorna constantemente em uma ilha onde encontra-se refugiado. E tal qual o enredo, lia e relia....rsrsrs No mais, é considerado um best-seller erudito ao lado de "O Nome da Rosa". Muito bom mas tem de ler até o fim! rsrs*²⁷

Perfil da blogueira: “Cirurgiã-dentista, fã de literatura, poesia, cinema, música e artes. Paixão por viagens, fotografias e pela vida. Em síntese, uma eterna aprendiz!!”²⁸

²⁴ Extrato do blog citado em nota de rodapé nº 23.

²⁵ *Ibidem* (nota de rodapé nº 23).

²⁶ <http://bomlivro.blogspot.com.br/2009/01/ilha-do-dia-anterior-umberto-eco.html>

²⁷ Extrato do blog citado em nota de rodapé nº 26.

²⁸ *Ibidem* (nota de rodapé nº 26).

Como é possível observar das quatro amostras extraídas de quatro blogs diferentes, os perfis são entre os mais variados, de técnico químico – blog nº 1 – a cirurgiã-dentista – blog nº 4, até as divertidas descrições com nomes de animais dos quatro *blogueiros* do blog nº 3, que, porém, não fornecem a certeza de que estes não tenham uma formação especializada. Os comentários e as resenhas, também, variam de interpretações do texto com direta referência à vida (“devemos conhecer muito mais do que as fraquezas dos inimigos, temos que reconhecer as nossas limitações” - blog nº 1) até comentários de raiva contra a erudição que Eco “vomita nas páginas” (blog nº 2), até a denúncia da dificuldade na leitura e compreensão da narrativa (blog nº 4). Pelo que é possível entender destas resenhas, os leitores reconhecem, e às vezes admitem, a erudição e a intrincada construção do romance pelo “mestre italiano” (blog nº 3) Umberto Eco, assim como preanunciado por Marzia Figueira, em sua resenha publicada na seção “Livros” de *A Gazeta* (1995), a qual escreve que “a erudição do autor torna seu texto tão rico quase inacessível ao leitor não-iniciado” (FIGUEIRA, 1995, p. 16). Também Borges de Garuva afirma que *A Ilha do Dia Anterior* é um romance para adultos, “não apenas para pessoas crescidas, mas para leitores apaixonados pelo reconhecimento da experiência humana ao longo de seu processo histórico” (GARUVA, 1995, p. 19). Por último, importante também citar as palavras do professor de literatura Gilvan P. Ribeiro, o qual, em sua resenha em *A Tribuna de Minas*, de 1995, afirma que:

Eco se diverte, como em seus romances anteriores, em distribuir pistas que leitores mais ou menos informados podem encontrar aqui e ali. A intertextualidade permanente é mais um dos elementos a exigir a atenção, nesse labirinto em que tudo parece estar disposto para não permitir que se encontre a saída. E, ainda assim, a própria intertextualidade exige cuidados (RIBEIRO, 1995, p. 13).

De fato, acreditamos que este romance “é a nova prova de que a erudição – em se tratando de Umberto Eco – não afasta da obra o leitor” (SEFFRIN, 1995), mas concluímos esta primeira parte sobre as experiências dos leitores comuns ao ler este romance, afirmando que o romance não é de todo acessível a qualquer tipo de leitor para que os

desafios e as referências eruditas sejam captados ou para que a profunda reflexão sobre a condição do ser humano seja por ele acompanhada.

2.1.3 O leitor especializado

No segundo grupo, ou seja, no de leitores especializados, estariam incluídos os críticos literários, estudantes e professores universitários da área de Letras ou afins, e com certeza os tradutores, que se qualificam como uma categoria especial de leitores especializados, tendo sua leitura “*specific purposes*”, ou seja, a transposição do texto de uma língua e cultura a outra com vistas a publicações ou outros tipos de veiculações junto a (ou a serviço de) leitores comuns. Para trazer exemplos de leituras realizadas por leitores assim-chamados “especializados”, é importante, *in primis*, comentar a presença de dois comentários críticos na contracapa da reedição do romance pela BestBolso (2010), acompanhados por uma síntese. As duas citações pertencem a *The New York Times Book Review* e a *San Francisco Chronicle*:

Um romance com engenhosidade e arte. Batalhas, poemas de amor e aventuras marítimas na época dos descobrimentos (*The New York Times Book Review*).

Maravilhosamente exótico. Uma viagem intelectual (*San Francisco Chronicle*).

[...] Repleto de alusões às grandes obras do passado, aos mestres, aos cientistas, este livro é uma enciclopédia em que o leitor se deixará levar pelos fascinantes andares dos labirintos que unem a prosa de Eco (síntese da Editora).

Apesar de os dois comentários críticos e a citação extraída da síntese não serem muito eloquentes, é possível perceber a propensão à descrição e à promoção de um romance erudito que o leitor deve preparar-se a enfrentar. As edições brasileiras objeto deste estudo não apresentam outros paratextos críticos, a exceção da Nota do Tradutor no começo que será comentada na seção relativa à experiência do tradutor.

Outros materiais preciosos a serem observados, para avaliação da experiência dos leitores especializados, são os comentários, resenhas e artigos de jornais, disponibilizados pelo mesmo tradutor Marco Lucchesi,

os quais representam um exemplo de leitura especializada realizada por escritores, jornalistas, educadores e outros profissionais da área. Um desses é Ivo Barroso, tradutor de *O Pêndulo de Foucault* e outras obras importantes que, no *Jornal do Brasil* de 1995, afirma que:

[...] chega até nós agora seu terceiro romance, *A Ilha do Dia Anterior*, seguramente melhor que os anteriores pela fluência da narrativa, sua riqueza de acontecimentos [...] e o fato de ser um romance de aventuras (e não mais um romance policial) em que a massa da erudição surge em função da própria trama e não como adendo a ela (BARROSO, 1995, p. 1).

O tradutor Ivo Barroso, com certeza, representa um leitor especializado que, especialmente porque foi também tradutor de outra obra do Eco, nos oferece um julgamento de valor que não pode ser subestimado.

A jornalista e escritora Elisabeth Orsini, no Segundo Caderno de *O Globo*, de 1995, afirma, referindo-se a *O Nome da Rosa* e *O Pêndulo de Foucault*, que este romance “tem todos os ingredientes para superar o sucesso destes best-sellers” (ORSINI, 1995, p. 1) e relata a experiência de leitura de outra “leitora especializada”, ou seja, a professora de italiano da UFF, Fanni d’Andrea Corbo, a qual teria afirmado que este romance é “um dos melhores trabalhos do escritor italiano” e que “nele, aventura e a filosofia caminham a passos largos” (*Ibidem*). Marzia Figueira, já precedentemente citada, comenta que a trama do romance é “bem tecida e ardida [...] há mais coisas entre a filosofia e a ficção do que pode supor o vão leitor” (FIGUEIRA, 1995, p. 16). Outra experiência de leitura especializada é relatada pelo escritor Borges de Garuva, o qual, em sua belíssima resenha em *A Notícia*, de 1995, escreve que:

Algumas das maravilhas deste livro do Eco passarão despercebidas para a maioria dos leitores, para os quais a decifração do texto se dá unicamente no plano dos acontecimentos relatados. Por não se permitirem o acesso à intencionalidade do texto como construção arbitrária do espírito de um outro humano [...] a esses leitores parecerão irrisórias as manobras que o autor faz no sentido de surpreender a trajetória

do pensamento ocidental rumo a uma idealizada compreensão final do todo [...] (GARUVA, 1995, p. 19).

Novamente, é possível supor, através destas palavras, que Borges de Garuva assume que apenas os leitores especializados terão os meios para alcançar um nível de profundidade da análise e o completo entendimento da essência do romance.

Para concluirmos esta parte sobre as experiências de alguns leitores “especializados”, seguimos os comentários de Rosane Pavam, jornalista, a qual destaca ainda uma vez a erudição e complexidade do romance:

Eco exhibe-se. Com a justificativa de trabalhar sobre as porções mortas da língua, constrói um pesadelo para seus tradutores [...]. Mas os leitores, os mesmos que fizeram seu *O Pêndulo de Foucault*, de 1988, vender espetaculares 200 mil exemplares no Brasil, saem ilesos das noites de leitura, inicialmente árduas, posteriormente costumeiras. Umberto Eco é um facilitador da experiência erudita (PAVAM, 1995).

Dessa vez, a jornalista não considera, assim como os outros leitores especializados supracitados, que a erudição do romance torne a leitura quase impossível, ou não profunda, para o leitor comum, afirmando, antes, que Umberto Eco facilitaria a experiência erudita e que seus leitores estão acostumados a este tipo de leitura; segundo a jornalista, o contrário acontece com os tradutores, em relação aos quais ela fala de “pesadelo” a que são submetidos.

2.1.4 Recepção “de massa”

Para fins de tornar esta parte sobre leitura e recepção do romance ainda mais completa, acredita-se necessário fazer referência ao que se entende por “cultura de massa” e, conseqüentemente, por “leitura” e “recepção” de massa; na hora de comentar a recepção de um romance como o de Umberto Eco, não se pode deixar de lado o contexto em que sua publicação e lançamento estão inseridos. O Umberto Eco teórico e pesquisador afirma que:

A situação conhecida como cultura de massa verifica-se no momento histórico em que as massas ingressam como protagonistas na vida associada, corresponsáveis pela coisa pública [...] impuseram um *ethos* próprio [...], puseram em circulação uma linguagem própria, isto é, elaboraram propostas saídas de baixo (ECO, 1993, p. 24).

O romance de Umberto Eco traduzido no Brasil não pode ser definido como produto de “massa” se por este termo indicamos aqueles produtos “menores” ou “folhetinescos”, às vezes conhecidos como “paraliteratura”, que há muito circulam nas livrarias e em nossas casas. De fato, conforme testemunhado pelas resenhas acima comentadas, o romance apresenta grande erudição e complexidade narrativa, lexical e temática. Porém, se torna um “produto de massa” na hora de ser comercializado e vendido em um contexto histórico exatamente caracterizado e dominado pela “sociedade de massa”. Qual a acepção deste termo? Com certeza, “essa expressão traz consigo o caráter depreciativo que herdou do pensamento político conservador da época (sec. XIX)” sendo o “isolamento, a perda da individualidade e a atomização do indivíduo, características básicas da sociedade de massa” (CALDAS, 2000, p. 25 e 23). Esse é apenas um exemplo de como o termo guarda uma acepção negativa, apontando quase a falta de identidade e a estereotipização introduzida pela sociedade capitalista; porém, a este propósito, Eco afirma que “o erro dos apocalípticos-aristocráticos é pensar que a cultura de massa seja radicalmente má, justamente por ser um fato industrial, e que hoje se possa ministrar uma cultura subtraída ao condicionamento industrial” (ECO, 1993, p. 49). Entretanto, o problema da “cultura de massa” pode ser definido da seguinte forma:

Ela hoje é manobrada por “grupos econômicos” que miram fins lucrativos, e realizada por “executores especializados” em fornecer ao cliente o que julgam mais vendável, sem que se verifique uma intervenção maciça dos homens de cultura na produção. A atitude dos homens de cultura é exatamente a do protesto e da reserva (ECO, 1993, p. 51).

Ou seja, mesmo os textos ditos mais eruditos estão sujeitos à apropriação pelos mecanismos de cultura de massa, independentemente de as manifestações dos leitores especializados prescreverem, nos paratextos e textos críticos que escrevem, uma circulação mais restrita.

2.2. O tradutor Marco Lucchesi e sua experiência de tradução

Ao final deste percurso de análise das experiências de leitura e recepção do romance, insere-se a fundamental contribuição do professor, escritor e poeta Marco Lucchesi, leitor especial(izado) do romance *A Ilha do Dia Anterior*, bem como tradutor admirado por todos e elogiado por seu trabalho, até mesmo pelo escritor italiano.

Consideramos importante apresentar brevemente seu perfil, um passo essencial para entender a experiência e as qualidades que denotam quem decidiu se aventurar nesta árdua, desafiadora, mas estimulante tarefa de tradução. Marco Lucchesi é poeta, ensaísta, escritor, além de tradutor; de Umberto Eco ele não traduziu apenas *A Ilha do Dia Anterior*, mas também *Baudolino*; é também tradutor de várias outras obras de outros escritores e línguas²⁹. Marco Lucchesi é, também, professor e escritor de livros interessantes e muito profundos, além de ensaios sobre a tradução (como *A Memória de Ulisses*) nos quais é possível enxergar a infinita luta entre duas faces em constante oposição, a de tradutor e a de autor. Essa é a resposta à pergunta “Como você concilia a sua atividade de tradutor com a de autor?”, oferecida pelo autor em 2000 na Entrevista para *Cadernos de Tradução*:

Concilio e desconcilio. Presença visível e invisível. Dizendo e não dizendo. Às vezes é preciso separar bem as instâncias. Outras muitas, é preciso integrá-las. Mas hoje é tudo física quântica. O observador interfere. O tradutor cria. O autor traduz... (LUCCHESI, 2000, p.135).

Estudioso e tradutor também de outras línguas, como alemão, russo, grego, latim, francês, espanhol, *inter alia*, Marco Lucchesi foi considerado por muitos um “garoto prodígio”, tendo apenas 31 anos quando da tradução – senão impecável – de inegável qualidade do romance de Umberto Eco. Belíssimas são as palavras e os adjetivos

²⁹ <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=11342&sid=794>

dedicados a Marco Lucchesi por seu colega, o escritor e tradutor Ivo Barroso, já precedentemente citado, o qual, no Prefácio ao livro de Lucchesi *Saudades do Paraíso* (brilhante sucessão de relatos de experiências de viagem, leitura, escritura e tradução), assim o descreve:

Espeleólogo da solidão, escafandrista das profundezas do multiego [...]. Dantesco em virtude e vísceras [...]. Toxicômano do livro, adicto terminal da cultura [...]. Amante dos contrastes [...]. Marco retratista [...]. Marco reincidente [...]. Marco linguista [...]. Fazendo uma tradução impecável, na qual se entregou às chamadas da pesquisa em seu permanente anseio de perfeição, Marco, ao final do trabalho, recebeu do autor – Umberto Eco – duas cartas nas quais comenta seus [dele, Eco] erros, num torcicolo frasístico que pode levar o leitor a pensar que tais erros sejam do tradutor. Faço aqui a ressalva (BARROSO, 1997, p. 7-12).

Como é possível observar pelas palavras de Ivo Barroso, a visão de Lucchesi é profundamente interdisciplinar e essa é uma das razões pelas quais ele é um tradutor autorizado a traduzir um romance de tamanha complexidade.

2.2.1 Dificuldades e desafios da tradução

Na Nota do Tradutor, situada no começo do romance, o tradutor Lucchesi já explica aqueles que serão os desafios do texto:

Mais um desafio de Umberto Eco. Talvez dos mais fascinantes [...] Também ao tradutor, este romance representou um árduo desafio. Jamais perder de vista a fidelidade àquelas páginas [...], manter o compromisso dos extremos. Tais os limites da obra. Aberta (LUCCHESI, 1995, p. 7).

Nesse pequeno trecho é possível observar a consciência do tradutor em relação ao desafio enfrentado:

[...] o leitor percebe a medida de suas dificuldades logo que inicia a leitura desse romance ‘escrito em barroco’, que coloca lado a lado registros antigos e modernos, arcaísmos e neologismos, ortografia da época – o século XVII –, expressões latinas, regências complicadas, termos pouco familiares da botânica, da química, da alquimia, da astronomia, da cartografia, da medicina (FIGUEIRA, 1995, p. 16).

Em relação ao trabalho de tradução da *Ilha*, o mesmo Marco Lucchesi afirma, na entrevista para *Cadernos de Tradução*, que:

Traduzi a *Ilha*, a partir de suas questões estruturais, seguindo uma tessitura musical, como diria mais tarde Luciano Berio. Em termos de erudição, foi uma de minhas tarefas mais espinhosas... O que me custou muitas horas no computador e insônias acumuladas (LUCCHESI, 2000, p. 133).

Para a realização dessa árdua tarefa, Lucchesi ressalta as muitas horas e meses passados no computador para que o resultado fosse o melhor possível, na luta permanente para alcançar a perfeição em que todo verdadeiro tradutor é engajado. Em *Saudades do Paraíso*, Marco Lucchesi continua com seu testemunho sobre o trabalho exigido pelo romance:

O trabalho durou seis meses. Todo esse tempo na Ilha. Olhando-a com amor e desespero. Enamorado. Encantado. Aprisionado. Mais de sessenta dicionários. O mundo tornando-se um navio. As bibliotecas do Rio eram a estiva [...] E algumas palavras demoravam semanas. Outras, meses. Era preciso checar as fontes do romance. Reexaminar as soluções. Transportar para o português (LUCCHESI, 1997, p. 105).

Também a então gerente editorial da Record, Adélia Marques, afirmou que “a obra levou seis meses para ser realizada, contra os até trinta dias usualmente necessários à versão de uma obra ‘corriqueira’ da editora” (MARQUES *apud* PAVAM, 1995).

Para encerrar esta breve reflexão sobre a tradução do romance, consideramos importante colocar um trecho extraído do livro *Saudades do Paraíso*, em que Marco Lucchesi revela, em tradução, o conteúdo de duas cartas enviadas por Umberto Eco:

Obrigado pelo grande esforço. Pelo que pude entender de sua carta, o livro foi já publicado. Desejaria ter revisto a tradução porque percebi que alguns tradutores não receberam, do editor italiano, importantes correções (em especial sobre particularidades astronômicas), que eu fui incluindo no texto original até a segunda edição [...] De qualquer modo, estou ansioso para ver a sua tradução, publicada ou não, que imagino belíssima. Mais uma vez obrigado e cordiais saudações de seu, Umberto Eco. (LUCCHESI, 1997, p. 106-107).

E a outra:

Pelo que pude ver, a tradução parece-me bela, realmente. Além disso, vi como os jornais brasileiros deram justo e entusiasmado relevo ao seu trabalho. Por isso, mais uma vez, obrigado. Verifiquei rapidamente o texto e encontrei alguns erros que sobreviveram, que eu mesmo encontrei há pouco e que evidentemente não lhe foram comunicados. Como espero que ocorra uma nova edição, assinalo a página e a linha da edição brasileira [...] Renovo-lhe mais uma vez os meus agradecimentos e espero poder encontrá-lo um dia, Umberto Eco. (LUCCHESI, 1997, p. 107-108).

O dialogismo construído na relação autor/tradutor amadurece a leitura de ambos e permite que as experiências de leitura, recepção e tradução ganhem uma nova e mais estimulante perspectiva, a do autor, que autoriza e valida suas interpretações, impondo alguns limites às do leitor/tradutor, que as constrói e questiona a cada página. O trabalho da tradução parte de uma leitura crítica especial, cuidadosa, sempre aberta a novos olhares e sentidos sobre o mesmo texto.

3. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi comentar e refletir, primeiramente de forma teórica, e depois mais prática, sobre três momentos centrais da atividade literária: o fenômeno da leitura, tradução e recepção. Ao ressaltar que essas experiências são fortemente conectadas, uma não podendo prescindir das outras, comentamos, *in primis*, importantes teorias sobre leitura, tradução e recepção, com a contribuição teórica de estudiosos quais Compagnon, Eco, Carvalhal, *inter alia*, os quais consagram muita pesquisa e reflexões a esses assuntos.

Em segundo lugar, uma experiência concreta de tradução, recepção e leitura foi avaliada: a do romance *A Ilha do Dia Anterior* por Marco Lucchesi. Para que as reflexões teóricas pudessem se transformar em material concreto de debate, uma pesquisa foi efetuada para avaliar as experiências de leitores comuns e especializados, a qual teria sido impossível sem os preciosos materiais (cópias de artigos de jornais da época e livros) enviados pelo tradutor Marco Lucchesi. Graças à análise desse material, e de outros extraídos pela internet, foi possível observar as opiniões de vários leitores e profissionais da área e suas experiências de leitura e, conseqüentemente, recepção da obra traduzida. *Last but not least*, uma breve reflexão sobre a tarefa árdua de tradução vivenciada por Marco Lucchesi, testemunhada por ele em livros, artigos e entrevistas, foi desenvolvida. Árdua com certeza, mas também desafiadora e repleta de estímulos, tomando cerca de seis meses para sua realização.

Acreditamos que a análise desses fenômenos, já vivenciados por muitos, especialistas ou não, seja fundamental para aprofundar a força e o valor que a leitura e a tradução têm a adicionar a nossas experiências de leitura, juntamente ao impacto que um romance traduzido pode ter no sistema literário do país que o acolhe. Se, como afirma Compagnon, a experiência da leitura, como qualquer experiência humana, é certamente uma experiência “dupla, ambígua, dividida: entre compreender e amar, entre a filologia e a alegoria, entre a liberdade e a restrição, entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo”³⁰ (COMPAGNON, 1998, p. 194), então percebemos que seu estudo e aprofundamento não podem ser negligenciados, mas sim revigorados.

³⁰ Trad. nossa. Texto original: « double, ambiguë, déchirée: entre comprendre et aimer, entre la philologie et l'allégorie, entre la liberté et la contrainte, entre l'attention à l'autre et le souci de soi ».

Referências Bibliográficas

A ilha do dia anterior. *O Juquery*, São Paulo, p. 10, 03 fev. 1995.

BARROSO, Ivo. A “Sinistra Via” de Marco Lucchesi. In: LUCCHESI, Marco. *Saudades do Paraíso*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. p. 7-13.

_____. Umberto Eco aventureiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 434, p. 1-2, 21 jan. 1995.

BIGNARDI, Daria. Umberto Eco: l' infinito davanti a un' isola. *Corriere della Sera*, Milão, p. 29, 28 set. 1994. Disponível em: <http://archiviostorico.corriere.it/1994/settembre/28/Umberto_Eco_in_finito_davanti_isola_co_0_94092813382.shtml>. Acesso em: 11 set. 2012.

CALDAS, Waldenyr. *Literatura da Cultura de Massa*. São Paulo: Musa Editora, 2000.

CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio. Ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

COMPAGNON, Antoine. *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*. Paris : Éditions du Seuil, 1998.

_____. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

_____. *A Ilha do dia anterior*. Trad. Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

_____. *Obra Aberta*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. *Os Limites da Interpretação*. 2. ed. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. *Quase a mesma coisa*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FIGUEIRA, Marzia. Aventura nos mares do Sul. *A Gazeta*, Vitória E.S., p. 16, 19 fev. 1995.

GARUVA, Borges De. O Eco insular da consciência. *A Notícia*, RS, 30 abr. 1995. Anexo, p. 19.

GIRON, Luís Antônio. O excesso de informação provoca amnésia. *Época*. 30 dez. 2011. Entrevista concedida por Umberto Eco. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>>. Acesso em: 17 set. 2012.

JAUSS, Robert Hans. A Estética da Recepção: colocações gerais. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82.

LONGMAN, Gabriela. Umberto Eco. *Cult*, São Paulo, n. 142. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/umberto-eco/>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

LUCCHESI, Marco. As descobertas da tradução. *O Globo*, Rio de Janeiro, jan. 1995. Segundo Caderno, p. 1.

_____. *A memória de Ulisses*. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. Entrevista: Marco Lucchesi. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 6, p. 129-141, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5686/5186>>. Acesso em: 1 set. 2012.

_____. *Saudades do Paraíso*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.

MARTINS, Marcia A. P. O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários. In: WEINHARDT, M.; CARDOZO, M. M. (Orgs.). *Centro, Centros. Literatura e Literatura Comparada em Discussão*. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 111-126.

ORSINI, Elisabeth. Mergulho na erudição barroca. *O Globo*, Rio de Janeiro, jan. 1995. Segundo Caderno, p. 1.

Os estrondos do Eco. *Diário da Manhã*, Goiânia, p. 28, 05 mar.1995.

PAVAM, Rosane. Umberto Eco navega na erudição. *Jornal da Tarde*, SP, 18 jan. 1995.

PETRY, André. Ideias são coisas divertidas. *Veja*, ed. 2126, 19 ago. 2009, p. 22-23. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/190809/ideias-coisas-divertidas-p019.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

PLAZA, Julio. Arte e Interatividade: autor-obra-recepção. In: *ARS 2*, USP, São Paulo, p. 9-29, 1990. Disponível em: <<http://www.cap.eca.usp.br/ars2/arteeinteratividade.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2013.

RIBEIRO, Gilvan P. Uma ilha de palavras, como garantia de eternidade. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, Minas Gerais, p. 13, 19-20 fev. 1995.

SEFFRIN, André. A ilha do dia anterior. *É Rio Zona Sul*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 184, jun. 1995.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção de textos ficcionais? Trad. Heidrun Krieger, Luiz Costa Lima e Peter Neumann. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 133-181.

TAVARES, Joice. O erudito que vende. *IstoÉ*, n. 1977, 19 set. 2007. Disponível em:

<http://www.istoe.com.br/reportagens/3099_O+ERUDITO+QUE+VE+NDE>. Acesso em: 18 set. 2012

TEIXEIRA, Jerônimo. A aventura dos naufragos do conhecimento. *Zero Hora*, Rio Grande do Sul, 23 fev. 1995. Segundo Caderno, p. 29.

ZILBERMANN, Regina. Recepção e Leitura no horizonte da literatura. In: *Alea*, vol. 10, n. 1, p. 85-97, jan.-jun. 2008.

BLOGS CITADOS:

1) *Anotações de um Bardo*. Disponível em:

<<http://anotacoesdeumbardo.blogspot.com.br/2012/06/resenha-ilha-do-dia-anterior.html>> Acesso em: 15 jul. 2013.

2) *Janela Colonial*. Disponível em:

<<http://janelacolonial.blogspot.com.br/2011/08/desafio-literario-julhoagosto-ilha-do.html>> Acesso em: 15 jul. 2013.

3) *Owls' roof*. Disponível em:

<<http://owlsroof.blogspot.com.br/2010/11/meme-literario-dia-12-um-livro-que-te.html>> Acesso em: 15 jul. 2013.

4) *Bom livro*. Disponível em:

<<http://bomlivro.blogspot.com.br/2009/01/ilha-do-dia-anterior-umberto-eco.html>>

Acesso em: 15 jul. 2013.